

FRANCISCA AGUIRRE

TRISTE ASSOMBRO



2002

ELS PLECS DEL MAGNÀNIM

Colecção dirigida por Ricardo Bellveser

52

Tradução:
Luís Filipe Sarmento

© Francisca Aguirre, 2002

© Da presente edição:
Institució Alfons el Magnànim
Diputació de València, 2002
Quevedo, 10
46001 València

alfons.magnanim@diputacion.m400.gva.es
www.alfonselmagnanim.com

Desenho de Francisca Aguirre para a capa
e letra capitular de Juan Ramos

Depósito Legal: V-2848-2002
Impresso em Lluís Palacios, Sueca

Paisagens de Papel



quela infância fora tão triste.

Ser criança em quarenta e dois parecia impossível.
A nossa infância era uma mistura de compreensão e
[aborrecimento.

Éramos sérios e aborrecidos.

Lembro-me daquelas tardes; eram como então era o
[mundo:

sem resquícios e tristes.

Vejo os meus poucos anos observar com afinco,
atrás do vidro opaco, a rua longa e cinzenta;
o Sol estava longe e era a única coisa barata,
a única coisa que trazia alegria sem nada nos exigir.

Vejo a minha filha, adulta e conseqüente
com um programa bem traçado:

crescer, crescer rapidamente, com pressa,
—ser criança era uma carga demasiado pesada
para nós e para os mais velhos.

Só no Verão o mundo parecia exequível,
saltar durante três ou quatro meses; correr, era a vida.

O cinzento regressava sempre tão rapidamente.

Um dia amanhecíamos lentas, crescidas,
cheias de medo, de presente.

Procurávamos palavras no dicionário
com o afã de tudo compreender:

necessitávamos de fazer a linguagem.

Alguns olhavam-nos com espanto,
diziam que éramos inteligentes.

Nós, durante os enfadonhos domingos
desenhávamos inseguras paisagens.

Durante muito tempo foram essas todas as minhas
[excursões.

Ir ao campo que não fosse pintado
supunha gastar solas de sapatos.

Sair, sair, era esse o sonho,
abolir as tranças, estrear o batôn:
o meu reino por um trabalho!

Como render agora homenagem àqueles dias?
Como ter saudades deles sem desconfiança?
Enrugaram-se, como as paisagens de papel,
enquanto crescíamos para este desconsolo que hoje
[nos povoa.

Negro incêndio

A noite está comigo.
Depois de um dia agitado e esburacado
olhei de repente para a janela
e vi o negro incêndio.

Tão irreal e tão surpreendente que é por vezes o
[conhecido.

De que estranha maneira
de repente estamos vivos.
De que maneira dissimulada e plácida
de repente estamos mortos.

Alguém que me denuncie nesta sombra,
alguém que me defenda nesta noite,
alguém que seja meu fiador,
alguém que me submeta à sua impotência,
alguém, um rosto, mas agora.

Fronteira

Eu, que cheguei à vida demasiado rápido,
que fui —que sou— a que se antecipou,
que fui ao encontro antes de tempo
e tive que esperar à ordem
vendo passar a bagagem da vida
do banco neutral sem tempo.

Eu, que nasci em trinta, quando é certo
—como todos sabeis— que nunca o deveria ter feito,
que o deveria ter meditado antes,
ter um pouco de paciência e tino
e não entrar nesse tempo louco
que cobra o seu aluguer em moedas de espanto.
Eu, que tenho vindo a pagar a minha imprudência,
que devo à minha pressa a minha miséria,
que tive que partir o meu coração em mil pedaços
para pagar o meu posto no deserto,
eu, ficai a saber, cheguei tarde uma vez à fronteira.

Eu, que tanto me tinha antecipado,
não soube antecipar-me um pouco mais
(ao fim e ao cabo para pagar
com moedas de sangue e de infelicidade
que podem importar alguns anos).
Eu, que não soube nascer em quarenta e cinco,
cometi o desaforo, escutai-o,
de chegar tarde à fronteira.

Cheguei com os olhos ofuscados da infância
e com o coração em branco, sem história.

O último moicano

Não tive nada e, no entanto, de algum modo,
compreendo que tive tudo.
Não tínhamos nada, nada
a não ser o medo, a dor,
o assombro que a morte provoca.

Quando mataram o meu pai
ficámos nessa zona do vazio
que vai da vida à morte,
dentro dessa última bolha que os afogados expiram
como se todo o ar do mundo se tivesse rapidamente
[esgotado.

Ali ficámos,
como peixes num aquário sem água,
como os atónitos visitantes de um planeta vazio.

Não tínhamos nada,
embora também fosse verdade que já nada queríamos.
Lembro-me muito bem que nos deram a notícia,
a mim e à minha irmã Susy, na casa de banho
daquela escola para filhas de presos políticos.
Tinha um espelho enorme
e eu vi a palavra morte aumentar dentro daquele espelho
até dele sair
e alojar-se nos olhos da minha irmã
como um vapor letal e pestilento.
Nada conseguiu fazer esquecer aqueles olhos,
a não ser algumas horas de amor
em que Félix e eu éramos dois órfãos,
e o rosto milagroso da minha filha.

E nada mais tivemos
durante muito tempo.
Mas a mamã teve menos que ninguém.
A mamã ficou com um espelho sem reflexo.
Perdeu tudo
apenas um fio muito fino que a ligava a nós,
e por aquela inconcebível ponte
—como três formiguinhas—
íamos e vínhamos da sua estátua de vidro
restituindo-lhe o reflexo.
Veio a nós do país do gelo
e veio tão absolutamente
que graças a ela, nós, que nada tínhamos
tivemos tudo.
A mamã foi o nosso dicionário Espasa,
foi o nosso Guerreiro da Máscara,
o País das Fadas,
a abundância dentro da miséria,
o nosso melhor amigo,
o nosso escudo contra os mouros,
a apaixonada pelas belas artes,
a que tornou possível que o papá não morresse,
a que o foi ressuscitando em cada um dos seus quadros.
Foi a mamã que nos disse que o meu pai admirava
[os gregos,
que adorava os livros,
que não podia viver sem música
e que foi amigo de Unamuno

É certo que não tivemos nada,
que muitas vezes nos faltava tudo.
Mas embora não comêssemos alguns dias,
tínhamos uma telefonia para ouvir Beethoven,
e num dia de Reis de mil novecentos e quarenta e
[quatro

a mamã e o tio foram à Feira do Rastro:
compraram-nos três livros:

La cuesta encantada, Nómadas del Norte
e *El último mohicano*.

Só Deus sabe quantas vezes terei lido esses livros.

A mamã trouxe-nos *El último mohicano*
e da mão desse índio solitário
entrámos no mundo do maravilhoso
e tivemos tudo para sempre.

E já ninguém nos poderá tirá-lo.

Os trezentos degraus

Estava tudo quieto na casa apagada.
Até ao dia seguinte, até sabe Deus quando
o silêncio reinava como um ídolo antigo.
Não funcionavam as leis de tráfico,
essas imprescindíveis ordens
que há que acatar para transitar no corredor.
É como se a noite propusesse uma trégua,
como se ao apagar o luz se apagasse o perigo.
Escuto. Nada. Todos se calam unânimes.
Olhar a escuridão é um professar de morto:
os olhos vão do negro que nos habita
ao negro que nos envolve.
Somos os apagados, os ausentes,
os que ceifam o tempo nos seus pulsos;
somos os auditores do silêncio
e esse silêncio é como um túnel pelo qual só avança
[o tempo.
Não ver, não estando cegos, é afundar-se no tempo.

O armário, com a sua porta entreaberta das costas
[de França.
Oíço os barcos que saem ou entram pelo porto de Havre.
Vejo três meninas muito contentes, em Barcelona,
porque iam de viagem:
acabavam-se os bombardeamentos,
já não tinham que se esconder debaixo daquelas
[escadinhas
que levavam aos quartos superiores
enquanto ouviam, espantadas, o agudo silvo das bombas.
Íamos, íamos a França.

E, assim, chegámos a Bañolas:
estávamos contentíssimas por ver o lago,
o papá, a mamã e a avó
arrastando o seu coração, empurrando-o para a fronteira.
Paris foi para mim, durante muito tempo, um gato.
Havia um gato naquela pobre pensão em que vivíamos,
um gato que dormia ao lado de uma estufa.
Eu nunca vi Paris: vi somente esse gato.

E fomos ao Havre para apanhar um barco.
Nós com duas bonecas e um macaquinho,
o papá com a sua caixa de pinturas e um sonho
acurrulado,
um sonho transformado em pesadelo,
um sonho multitudinário
arrastado como única bagagem
por uma interminável procissão de sós.
Mas aquele barco não chegou ao seu porto:
esperávamos enquanto a mamã, para nos animar,
cantava alguns dias *El niño judío*: «De España vengo,
[soy española]».

O barco não chegou. Chegaram aviões alemães.
Teve que se caminhar de gatas pelos quartos do hotel,
que estava em frente do porto.
Aquele hotel tinha um nome,
chamava-se «La Rotonde de la Gare».
O papá pintava. E como Modigliani,
ia oferecer os seus quadros às gentes. A ele também
[não lhos compravam].
Nós aprendemos francês em duas semanas.

O relógio da Gare deu um quarto de hora,
o papá disse-me que eu levantasse a cara um pouco mais
duas ou três pinceladas e terminava o retrato.

O meu pai, não sei bem por quê, pintou-me de
[japonesa.

Fiquei para sempre com o meu leque,
com os olhos ligeiramente oblíquos e assombrados,
numa idade ainda indefinida
e com um diadema de pensamentos no cabelo.

Papá, vamos ao porto, vamos ao porto agora que há
[tempo
e depois vamos a correr ver o Bois des Hallates,
vamos, que se perdeu o teu quadro e já só o poderei
[ver contigo e para sempre.

Papá, perdemos tantas coisas,
para além da infância e dos trezentos degraus que
[tu pintaste
nunca soube se para os descer tínhamos que
[subi-los ou descê-los.

E agora penso, pela tua mão que me ajuda a percorrê-los,
que talvez me tenhas dito então
que havia que subi-los para os descer
e por isso os pintastes
e por isso passaste dias inteiros
pintando uma escadaria interminável,
uma bela escadaria rodeada de árvores e árvores,
cheia de luz e amor,
uma escadaria para mim,
uma escadaria pela qual pudesse subir,
viver,
e uma escadaria para descer,
calar,
e sentar-me ao teu lado como então.

Levantei-me para fechar a porta do armário.
A minha casa está sossegada,

apenas soa no ar, ténue, a remota sirene de um barco.
Os que eu mais amo dormem:
a minha filha, embrulhada nos seus nove anos
e o Félix indefeso perante os seus trinta e oito.
Por fim, extingue-se o eco dos barcos.
Regresso á cama.
—Boas noites, papá. Até amanhã, se Deus quiser.
[Descansa bem.

Do amor e de outros inconvenientes

I

Agoniza a tarde deslumbrante:
sinto o afã de compreender tudo.
Enquanto o tempo resvala como lodo
oprime-me uma ternura meliante.

A vida reduz-se nesse instante
a um agitado adeus que de algum modo
me recorda o odor acre do iodo,
a sua miséria calada e ofegante.

Eu também digo adeus como a tarde
a não sei o quê que um dia foi a minha vida
e outro dia partiu como não sei bem.

Mais me dói este buraco que ainda me arde,
me arranha aquilo que hoje é despedida:
o que não está tem o peso que o chumbo tem.

II

E se depois de tudo, tudo pudera
ser um ir morrendo para, finalmente, morreremos
a este louco empenho em nos convertermos
em contabilistas de um tempo que não espera.

E se resulta que o certo era
este sermão que nos repetem
que avançam os furacões que nos abatem
então é inútil e absurda esta corrida sincera.

Então, meu amor, tem sossego
e aproveita esta gruta que te ofereço
e bebe a água que eu não pude beber.

O vento traz-nos frio e cego,
toma a minha manta enquanto eu envelheço:
amar-te de outro modo não pude saber.

Ninguém sabe quem são

Descem atravessando o firmamento,
vêm sem ser chamados.
Ninguém sabe quem são nem onde pertencem.
Descem, mágicos e alheios,
iluminam sem luz, cantam sem música.

Chegam, definitivamente chegam;
invadem-nos
e algo que não entendemos sobrevem
queimando-nos sem fogo.
Voltam para onde não sabemos.
Trazem no seu aparecer, intempestivamente,
o peso profundo do incerto.
Não aquecem nem arrefecem,
só inquietam. E cheiram
como a lua sobre o mar. Cantam
como o calor vibrante das flores.
Ninguém sabe quem são nem onde pertencem,
mas o sangue acelera-se,
a memória tiritada como um náufrago.

Descem, atravessando o firmamento,
sobem do abismo e da saudade,
iluminam sem luz, cantam sem música.
Meu Deus, cantam, como cantam.

A visita

Sem saber como, sem razão nem causa
chegas de repente um dia à minha porta.
Mal tenho alguma coisa para te oferecer,
tudo está ensimesmado no seu destino,
envolvida numa ordem mansa e frágil.
E chegas tu e a tua corte de prodígios,
os teus oceanos cantantes e perfumados,
os teus círculos de luzeiros e pirilampos,
as tuas cascatas, as tuas brisas, os teus jardins...
O que fazes aqui? O que procuras? O que pretendes?
A luz é tão incerta e persuasiva
que não sei se amanhece ou o dia acaba,
não sei se algo começa ou se algo termina.
Só sei que tu avanças, apressada,
caminhas entre mares e desertos,
desarrumas recordações e desgraças,
semeias música azul nas feridas,
intensas melodias que sussurram,
que se escondem depressa nos cantos
e cochicham e contam histórias
e tudo de repente tem vida:
uma vida total e luxuriosa,
com as suas quatro estações, com as suas marés...

Da distante ombreira da melancolia
ouve o meu coração a tua música e o teu canto:
mal tenho alguma coisa para te oferecer,
mas se bem vinda, inquietante.
Ofereço-te unicamente os meus escombros:
pássaros da infância e barcos quietos,

búzios onde soa o pranto
como se fosse o mar.
fotografias, calendários, cartas...
Desperdícios de um mísero naufrágio,
Despojos de gaivotas e caranguejos,
Restos do que um dia foi lenda.

Servem-te as minhas poucas poupanças?
O que podes fazer com o meu caudal de ruínas?
Vais dar música ao destino?
Não te aturdas agora, temerária,
não te escondas atrás das tuas oitavas,
dos teus hendecassílabos brilhantes e das tuas rimas,
não fujas envolvida num romance.
Vamos, não dissimules: não querias reconhecer o
[território?
Não vieste saber o terreno que pisas?
Pois aí o tens: isso é tudo.

Não é como tu esperavas, não é verdade, minha querida?
Viver tem estes riscos.
Vamos, vamos, amiga,
há que cumprir com as visitas,
não posso consentir que te vás embora com as mãos
[vazias,
senta-te, senta-te, por favor,
esta é a tua casa. Apetece-te um café?
Preferes água? Tranquila, companheira,
vamos falar com calma,
vou pôr Schubert, vou fechar a porta.

Maré do deserto

Tão longe e tão perto.
Desesperadamente sente-lo existir.
tem uma vida intensa, desapiadada
uma vida que vai e vem à sua vontade,
que se alimenta de absurdos pormenores
ou languesce quando menos esperas.
É tão estranho, tão imprevisível;
tem um poder incalculável e louco,
um poder que avassala e que destroça,
mas também pode restituir o que foi perdido,
aquilo que já dávamos por morto,
o que já nem sequer se esconde nos sonhos.
É um desconhecido amigo íntimo,
é como um estrangeiro que falasse a nossa língua.

Possui o raro dom da memória última,
criva com a sua peneira as recordações,
amontoa as chagas como folhas secas.
Não esquece nem condena nem perdoa,
as suas leis são estranhas e absolutas,
e estão cheias de sangue e pranto e medo.

Mas também tem canções, resplendores,
entardeceres repentinos, noites brancas,
fontes que as fogueiras apagam,
flores desconhecidas,
flores que um dia foram mãos delicadas.
E pequenos tesouros inúteis,
réstias de pensamentos e sons
e um alfabeto delirante pleno de sinónimos,

sortilégios, palavras-amuleto que preservam
minúcias, insignificâncias, elos perdidos
de uma oculta corrente que ninguém sabe como
se foi formando a pouco e pouco.

E, assim, como um longo cordão umbilical,
a corrente une-nos, faz-nos derivar para algo
remoto e permanente como o tempo.

No entanto, tem-nos embora esteja longe
e sabemos também que é impossível agarrá-lo.

E esse conhecimento aturde-nos:
não podemos fugir, não podemos chegar:
algo desconhecido, íntimo e implacável,
torna-nos presa e decide.

Somos os servidores de um fantasma:
perplexos, aterrados, indefesos,
vivemos para sermos seus cúmplices,
para acatar sem entender as suas leis.

Maré do deserto, chama gelada,
precipício de um céu subterrâneo,
cantata nas galáxias florescida,
inexplicável sonho do inútil,
não nos deixes a sós com a vida,
leva-nos contigo para o proibido,
não nos deixes, verdugo, corvo, abutre,
não nos deixes, amor, terror: distância.
Pelo que tu mais desejes, não nos deixes.

Aparições

*Como uma faca, como uma flor,
como absolutamente nada no mundo.*

W. SAROYAN

Nem sequer o fulgor da matéria,
nem a sua secreta e remota linguagem,
tão pouco o derivar do tempo e as suas feridas,
menos ainda o infinito céu devastado;
talvez a transparência da música.
Ou talvez o perfume, o ululante aroma,
o odor com a sua mágica varinha,
com as suas inaceitáveis, instantâneas
aparições do que foi e não foi,
com a sua louca protuberância quase tátil;
estatuário e fugaz como um cometa.

A fragrância escorrendo água confidente,
regando o seu coração com o seu gotejar
para que brote a memória profunda,
com o seu espelho de intactas ilusões,
com a sua porta entreaberta onde espreita
o atónito rosto dos diminutivos,
o maligno sorriso do gato de Cheshire,
aquela cerca com madressilvas,
o bastidor com o seu eterno bordado,
o círculo da batata, o esconderijo inglês...
A fragrância do pranto e das sandálias,
o perfume fugaz dos encontros,
o aroma daquele amor secreto,
tão secreto que nem te deste conta,
enquanto o coração se acelerava
só porque os seus olhos negros te olhavam
e tudo era um arrepio, um suave medo.

Não sabes o que sucede, só sabes
que chove e que a terra cheira a tempo
e que o tempo cheira a coisas que se foram
e que regressam para acompanhar-te,
para que saibas que em algum canto,
num sonho que nunca te abandona
vivem para dizer-te que viveste,
cheiram entre as páginas de um livro,
aquecem o buraco de um dedal
e como o impossível sorriso do gato de Cheshire
de repente aparecem, ficam à tua frente
como o aroma, como o perfume intenso do amor,
como cheira a música de Schubert
ou talvez como cheiram os milagres,
como cheira o vidro,
como cheiram a luz e os sinos.

Triste assombro

Tenho medo, Senhor, e já é de dia
SÃO JOÃO

Seguramente o mundo era tão impossível e duro
[como agora;
seguramente então viver era muito grave, muito difícil,
muito árduo, como agora. Seguramente isto foi
sempre terrível, vingativo e contrário, e sem remédio.
Meus queridos antigos, meus lentos fundadores,
não sei como pensar-vos, não sei como aproximar-me
da louca lenda do vosso coração.
De que território chegar até vós,
de que poço ouvir a vossa angústia,
cega como o cansaço.

Sem passado e sem música, viver é só um facto,
um acidente turvo que se inflama
e arranha nas paredes do silêncio
enquanto inexplicavelmente neva.

O tempo pode ser interminável
quando o futuro vive noutro lugar.
E um coração vazio de recordações
não é mais que um sobressalto na intempérie.

Amanheceste demasiado cedo?
Talvez a vida ainda estivesse pouco preparada,
talvez o vosso momento fosse mais tarde
e algo ficasse por concluir, inacabado.
Algo ficou perdido num buraco,
num espaço estranho e vagabundo,
que busca inutilmente o seu abrigo.

Tudo isto, no entanto, é pouca coisa,
tudo isto é a mesma coisa de sempre:
as velhas cicatrizes que ninguém sabe quem,
que ninguém sabe como e muito menos quando.
Tudo isto é tão antigo como a própria morte,
tão confuso e tão raro como a própria vida.
É uma triste história que ninguém desconhece.

Mas todos esquecem.

É uma história incerta que começou antes do Tempo.
Somos uma lenda que se apagou a si mesma,
um petróglifo quebrado ao qual falta texto,
mas que lhe sobra sangue.
Isto não começa, mas sempre acaba.

Ante a escassa luz das fogueiras,
algo sofre sem entender o que se passa,
algo olha a noite que o acossa,
algo sente que tudo se lhe escapa,
que viver é muito estranho e sem respostas.
Os meus órfãos de ninguém, os meus perdidos,
tão sós, tão sem nada, tão distantes.
No entanto, meu Deus, no entanto,
qual de vós nos legou esta angústia?
quem se atreveu a olhar para as estrelas?
quem sorriu e chorou esperando ajuda?
De um tempo sem Tempo, sem memória,
de um viver sem música e sem canto
chega um assombro manso e desolado:

lá fora o Sol brilha e eu tenho medo.

Não há que chorar

Diz-me tu que nunca te enganas,
diz-me tu o que se passa nessa terra,
nesse território fugitivo
que tanto perseguimos e que nunca
conseguimos alcançar nem tão sequer um pouco.
Conta-me o que se passa nessa zona,
explica-me as causas, os motivos,
atreve-te a dizer-me o que se passa,
o que está a acontecer na fronteira.
Diz-me tu que nunca te enganas,
decide-te a contar-me o teu segredo,
quem és tu para não me fazeres caso?

Já sei, já sei, que tudo está muito claro,
que o tenho diante dos meus olhos,
que é uma questão de paciência e confiança.
Mas assim não há quem viva,
isto é pior que a cegueira.
Quando não podes ver, quando não há formas,
sempre restam as luzes do tacto,
sempre resta o fulgor do próprio abismo.
Mas assim, nesta incerteza miserável,
desejando crer que há esperança,
sonhando que um dia... Não há direito.

Já sei, já sei que isso não importa,
que o que cresce, cresce sem remédio,
que o que morre, morre sem escusa.
Mas não podes aproximar-te um pouco?
Ou melhor, não seria possível que te fosses embora?

Que fosses para longe, para outro sitio,
para um sitio onde eu não te ouvisse.
Para um lugar onde não possas ouvir-me,
onde os meus pobres gritos não te cheguem.

Quanto tempo passou, quanto tempo
desde que tu e eu éramos uma,
desde que as esquinas da vida
estavam sempre viradas para o Sol.
Valha-me Deus, as coisas que te conto!
E tu sempre a dizer-me a mesma coisa,
sempre com as tuas explicações comedidas,
com a tua sabedoria de contabilista.

Não murmures, não cochiches baixo,
não protestes agora. Não protestes.
Vamos, minha amiga, companheira de sóis e sombras,
não te vou pedir contas de nada,
só me quero sentar ao teu lado,
olharmos uma para a outra com ternura,
e deixar que a vida passe
enquanto tu e eu vemos o cair da tarde.

Choras? Não há que chorar,
as lágrimas foram-se com a vida.
Resta-nos, no entanto, entre os braços
a colheita do trigo dos dias,
a delirante farinha da recordação.
E a noite, a noite e os seus milagres,
o tremor de uma música que nos abriga
e nos perde perdão do seu assombro,
da sua vocação auxiliadora.

Já não voam os pássaros, agora tudo descansa
na humidade do abandono.

Olho do teu coração a noite crescer
como um mar que avançasse para a sua costa,
e sei que há uma maneira de atravessá-lo.
Diz-me tu que nunca te enganas,
diz-me tu que tudo compreendes,
diz-me nesta hora de injustiça.

Tudo dorme num vago desconsolo,
tudo descansa mudo e entregue,
sumido no desastre da vida,
envolvido na paz do desamparo.

Algo atravessa a noite, no entanto,
como uma estreita ponte para ti mesma:
não a podes olhar, mas ouve-la;
ouves, enquanto o sangue insiste nas suas lendas,
um delicado assombro contido,
um prelúdio, uma fuga, uma peça de concerto,
uma sonata, uma valsa, um allegretto.
Ouves, ouves do teu coração intervencionado,
da tua vida prévia e dessangrada
a luxúria sagrada da música,
a sua dose de felicidade e desconsolo,
a sua mensagem de pânico e doçura,
a sua sementeira de mortal epifania.

A verdade e a vida não se querem,
mas isso pouco importa nesta noite:
o tempo adormeceu de repente,
enquanto tu e eu nos despedimos.
Não é necessário que me digas nada
tu que sabes tudo e que nunca te enganas,
que me poderás dizer que nós não saibamos.
Fica junto de mim e ouve a música,
seguramente Brahms é o que está certo.

Pavana do desassossego

E de repente a vida explica-se de outro modo,
e o nosso coração torna-se louco.

Tudo se transformou num instante,
as árvores sussurram como crianças
que estivessem a contar um segredo.

De algum território inolvidável
chega o canto coral das baleias.

Tu sentas-te à beira da música,
afundas o teu coração nos abismos
de uma luz que propaga um fresco aroma
de laranjeiras em flor, de búzios,
de olhares que brotam como espigas
e que voltam não se sabe de onde.

O tempo acompanha-te enternecido
e na penumbra chora uma guitarra
uma canção para que o mundo adormeça.
A voz da piedade atravessa o silêncio:
escondida na música da vida
conta a história do seu amor secreto.

Ai, amor, louco cisne abandonado,
ai amor, que uma vez nos contaste a tua lenda
para depois partires pelo mundo.
Ai amor, ai amor, doce alimária,
doméstico caimão que nos devora
sem deixar de chorar desconsolado, ai amor,

que te foste tão cedo, tão sem causa,
quando sofrias tanto que pensávamos
que ias ser eterno.

E agora voltas, regressas com as tuas lágrimas,
com as tuas alegres lágrimas translúcidas,
com o teu pranto imortal e com o teu orvalho,
o teu aguaceiro de opalas que procuram
as papoilas do nosso coração
para o condecorar de pálida beleza.
E de repente a vida explica-se de outro modo
e a tarde regressa à manhã,
e a noite acende-se como uma cratera
que tudo aquece e ilumina.
E o tempo, o velho tempo abandonado
ouve a canção da guitarra,
ouve com espanto a sua anoitecida história.

Dentro dos espelhos das recordações
jogam o círculo e os quatro cantos
e a música treme no mercúrio
como uma mariposa deslumbrada.

Ai amor, ai amor que nunca acabas,
que regressas cantando a tua canção
e ao seu compasso a vida muda o andamento
e de repente explica-se de outro modo
e acendem-se as luzes da casa
e todas as janelas dão para o mar.
Ai amor, ai amor que nunca morres,
que continuas a remendar as asas,
pisando com cuidado os escombros
como se fossem campos de rosmaninho.

Ai amor, ai amor, Lua crescente,

guitarra, clavicórdio e violoncelo
de uma orquestra que vaga pelo ar
regando com a sua música o desastre
enquanto o coração espavorido
ouve como o embalas mansamente
com a tua pavana do desassossego.

A edição do número 52 de
ELS PLECS DEL MAGNÀNIM,
Triste assombro
de Francisca Aguirre,
foi impresso em papel Torreón,
quer o seu miolo quer a sobrecapa,
em tipo Didot para o texto.
Acabou de se imprimir
no dia 18 da Julho de 2002,
em Sueca,
nas oficinas da tipografia
de Lluís Palacios

